

# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

## Núcleo de História Oral

### FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** VR-HT-OP-001

**Entrevistado:** Antônio Miguel Leite

**Local da entrevista:** Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

**Data da entrevista:** 29/08/2006

**Horário da entrevista:** 14h

**Duração da entrevista:** 1h00min44seg

#### **Equipe do Vale Registrar / História Oral:**

**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa

**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Entrevistadores:** Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor). Intervenção: Josanne Guerra Simões

#### **Gravação das entrevistas:**

**Coordenação:** Bellini Andrade (EMVIDEO)

**Produção:** Mateus Brandão (EMVIDEO)

**Câmera:** Solano Soares (EMVIDEO)

**Equipamento utilizado:** Câmera digital MiniDV

**Transcrição:** Bernardo Alves de Brito Andrade

**Data da transcrição:** 21/09/2006

**Conferência de fidelidade:** Elodia Honse Lebourg

**Data da conferência:** 20/10/2006

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

## [Início da entrevista]

**Elodia Lebourg** – Eu queria começar com o senhor falando seu nome completo.

**Antônio Leite** – Meu nome completo? Antônio Miguel Leite.

**Elodia Lebourg** – Antônio Miguel Leite. O senhor tem algum apelido ou forma que...?

**Antônio Leite** – Não. Em casa, a mulher me arrumou um apelido bom, porque ela gostava de mim. Eu não dava beijinho em mulher, não; não pode dar carinho para mulher, não. [riso] Você tem que ser carinhado, mas não pode carinhar, não é? De modo que sei lá. O mundo é todo... Hoje estou desse jeito, mal de mim se não fosse ela.

**Elodia Lebourg** – Então eu posso chamá-lo de Senhor Antônio mesmo?

**Antônio Leite** – Pode. Antônio, Zé Antônio... Qualquer jeito aí está bom.

**Elodia Lebourg** – Onde o senhor nasceu?

**Antônio Leite** – 1923.

**Elodia Lebourg** – Onde?

**Antônio Leite** – No município de Mariana.

**Elodia Lebourg** – Onde lá?

**Antônio Leite** – Monsenhor Horta<sup>1</sup>. É capaz de nem achar isso mais, porque já mudou umas quatro vezes de nome.

**Elodia Lebourg** – Não, continua Monsenhor Horta.

**Antônio Leite** – Conhece?

**Elodia Lebourg** – Sim.

**Antônio Leite** – Mas aquilo já chamou Ribeirão do Carmo<sup>2</sup>, chamou São Caetano<sup>3</sup>, agora Monsenhor Horta. De Monsenhor Horta não tem nada, porque o homem já morreu e não é santo nada, sei lá.

**Elodia Lebourg** – Quando o senhor nasceu?

**Antônio Leite** – 1923.

**Elodia Lebourg** – E a data e o mês?

**Antônio Leite** – Oito de maio de 1923.

---

<sup>1</sup> Distrito de Mariana.

<sup>2</sup> O entrevistado confundiu-se. Ribeirão do Carmo é outro distrito de Mariana.

<sup>3</sup> Antigo nome do distrito de Monsenhor Horta.

**Elodia Lebourg** – Qual era o nome dos seus pais?

**Antônio Leite** – Antônio Leite.

**Elodia Lebourg** – E da sua mãe?

**Antônio Leite** – Armelita Brandão Leite.

**Elodia Lebourg** – Eles trabalhavam?

**Antônio Leite** – Papai era ferroviário.

**Elodia Lebourg** – É sua mãe?

**Antônio Leite** – Tomava conta dos filhos dentro de casa, fazia comida. Naquele tempo era assim.

**Elodia Lebourg** – Você morava perto da Estação?

**Antônio Leite** – Nós morávamos... Não. Ferroviário... Nós andávamos muito, sabe, igual a eles também não parávamos. Férias, folga, esse trem<sup>4</sup> tudo. A gente saía de casa um mês, 15 dias, 20 dias. Era assim.

**Elodia Lebourg** – Mas o seu pai trabalhava aqui na ferrovia?

**Antônio Leite** – Ferrovia.

**Elodia Lebourg** – Em Mariana ou em Ouro Preto?

**Antônio Leite** – Lá em Acaiaca<sup>5</sup>... Mariana. Ele foi para Acaiaca em 194... Em 1934 ele veio para Mariana.

**Elodia Lebourg** – Ele trabalhava em que cargo na ferrovia?

**Antônio Leite** – Ele era manobreiro<sup>6</sup>.

**Elodia Lebourg** – O senhor tem alguma lembrança especial da época em que era criança e que seu pai trabalhava no trem?

**Antônio Leite** – Pouca coisa ou quase nada, sabe? Só que eu apanhava de vez em quando, porque era com couro<sup>7</sup> que você tinha que aprender a ler e a não ser mal criado. E era o melhor tempo, a gente apanhava um couro e tinha medo de apanhar. Hoje eles estão matando pai, matando mãe e tudo aí. Está danado!

**Elodia Lebourg** – Mas o senhor apanhava porque não aprendia a lição da escola?

---

<sup>4</sup> Trem tudo, neste caso, significa tudo isso.

<sup>5</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>6</sup> Profissional responsável por formar as composições de um trem, manobrando os vagões.

<sup>7</sup> Surra.

**Antônio Leite** – Não, não, eu não vou condenar meu pai. Eu era sem vergonha também. Ia jogar bola e não ia à escola nada, não é? [riso] Se não aprendesse, estava perdido.

**Elodia Lebourg** – Quando seu pai trabalhava no trem, você ia à Estação, ia brincar lá? Como era?

**Antônio Leite** – Não. Ele me pôs trabalhando junto com ele, ajudando e praticando esse serviço. Deus me ajudou que ele me pôs aí.

**Elodia Lebourg** – Foi o seu pai que fez o senhor vir trabalhar na ferrovia?

**Antônio Leite** – Meu pai me deixou praticar. Naquele tempo era prática, não é? Praticar para poder fazer concurso para poder entrar aqui. Eu entrei na estrada de ferro em 1943, dia 11 de julho de 1943.

**Elodia Lebourg** – Antes de entrar na ferrovia, o que era esse praticar que seu pai te ajudou?

**Antônio Leite** – Aquilo que ele praticava?

**Elodia Lebourg** – O que era isso?

**Antônio Leite** – Era pegar vagão por lá... Trem cargueiro, de transporte. Largava aqui um vagão de açúcar, gasolina, levava para o Rio<sup>8</sup> para no outro dia fazer quebra de perfil. Em Dom Bosco<sup>9</sup> era quebra de perfil. Lá, a capacidade dessas máquinas era uma; daqui para baixo, até Luiz Vieira<sup>10</sup>, era outra. Eu ainda tinha isso na cabeça e não tenho mais, não. Essa Santa Fé<sup>11</sup> que trabalhou aqui... 1611, 1612, 1613, 1604, 1605 – eu me lembro dessas máquinas... Como é que diz? Foram produzidas aí... Fabricadas, deve ser, não é? Americanas... Em 1949, vieram para cá essas máquinas. Hoje eu estou vendo que essa porcaria quebrou toda vida, era danada para quebrar. Eu trabalhei nelas 10 meses aí... Já era considerado graxeiro. Não era foguista<sup>12</sup> nem nada. Era graxeiro: acender fogo e lubrificar máquina. Então, essas máquinas faziam esses trens especiais daqui para Congonhas do Campo<sup>13</sup>.

---

<sup>8</sup> Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

<sup>9</sup> Colégio Dom Bosco, localizado em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>10</sup> Cônego Luiz Vieira, estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Barro Branco, distrito de Mariana.

<sup>11</sup> Nome dado a uma locomotiva movida a vapor.

<sup>12</sup> Profissional responsável por manter o forno das locomotivas à lenha em funcionamento.

<sup>13</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

Mês que vem é setembro, tem o Jubileu<sup>14</sup>, quando o povo palhaço ia rezar. [riso] O Deus daqui é um, o de lá é outro; eles largavam aqui e iam rezar lá porque... Não sei... Passear... Então isso andava cheio! De sete de setembro até 14, andava cheio de passageiro, e nós vendíamos... Tinha que fazer estatística a semana toda: fazer estatística de bilhete que vendeu, despacho de mercadoria, pequena expedição<sup>15</sup>, lotação, essas coisas... Era essa embrulhada toda aí. Nós mexíamos com isso.

**Elodia Lebourg** – Certo. Mas o senhor treinou um tempo para trabalhar na ferrovia. Como o senhor foi admitido? O senhor falou que fez um concurso... Como foi isso?

**Antônio Leite** – Foi. Como é que é?

**Elodia Lebourg** – Como foi esse concurso? O senhor tinha que fazer alguma prova?

**Antônio Leite** – A prova era de Português, Matemática e Geografia. Nesse tempo o importante era isso.

**Elodia Lebourg** – E aí seu primeiro emprego foi na ferrovia?

**Antônio Leite** – Não. Meu primeiro emprego foi em máquinas, trabalhando nessas máquinas aí, limpando fogo, acendendo máquina. Era isso. Isso qualquer analfabeto fazia! [riso] Depois é que eu fui para lá, comecei a pagar umas aulas particulares, para fazer esse concurso. Fui chamado ao Rio. Deus me ajudou, eu passei e continuei aí; só transferi de um lugar para outro e pronto.

**Elodia Lebourg** – Onde o senhor trabalhou?

**Antônio Leite** – Aqui.

**Elodia Lebourg** – Aqui em Ouro Preto?

**Antônio Leite** – Eu trabalhei em Ouro Preto, trabalhei em Raposos<sup>16</sup>, trabalhei em Burnier<sup>17</sup>. A gente andava muito, sabe? Agora, o meu ponto primitivo era aqui. Nós éramos... Os mais novos eram distribuídos para dar folga aos outros,

---

<sup>14</sup> Jubileu de Nosso Senhor do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas do Campo.

<sup>15</sup> Mercadorias de pequeno porte transportadas pelos trens.

<sup>16</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>17</sup> Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

no caminho. As estações intermediárias que têm aqui, Lafaiete<sup>18</sup>, Belo Horizonte<sup>19</sup>, Sabará<sup>20</sup>, Raposos, eu já fui a todas elas. Trabalhava fazendo licenciamento de trem e fretes, mercadoria, fretes e transporte. Era isso aí.

**Elodia Lebourg** – Mas o senhor trabalhava nesses lugares especificamente com o quê?

**Antônio Leite** – O serviço nosso era só esse, de telégrafo<sup>21</sup>, telegrafia, comunicação. Era seletivo<sup>22</sup>... Nem sei se tem mais aqui na Estação... Era lá no meio ali<sup>23</sup>. Seletivo e telégrafo. Nós tínhamos que transformar o Morse em alfabeto... Como é que é... Alfabeto Morse e... Matemática não... Como é que fala? Matemática, tinha esse trem tudo aí... Está faltando muito a idéia de complementação, porque eu... Comunicação... Fazer um serviço que era de contador para esses negócios de conta no fim de mês, transporte, essas coisas, e outras coisas mais que eu não lembro...

**Elodia Lebourg** – Fala um pouquinho mais desse trabalho no telégrafo. Vocês recebiam a mensagem...?

**Antônio Leite** – É transformar a grafia, a língua nossa, o “A, B, C, D”... “A” é um ponto e uma linha; “B” acentuado é um ponto e uma linha, “D”... “AB” era uma linha e três pontos. Você tinha que botar o “B” em vez daquelas... Como é que fala, gente? Eu sei falar bonitinho, mas agora acabou, me dá um branco. [risos] Que coisa, hein? A gente fica meio... Eu só andava de gravata, terno azul-marinho, sapato preto. Ver namorada pelos caminhos. A mulher estava em casa e eu estava... [risos] Eu tenho saudade, viu gente? [risos] Era melhor do que vocês agora, dando beijinho na rua... Para o inferno! [risos] Hoje eu vejo as minhas lá<sup>24</sup>. Tem uma que mora em Ilha Bela, São Paulo... Como é que fala? São José dos Campos, descendo por ali, ela mora para aqueles lados de lá. É casada com um japonês. Os miseráveis dos meus netos têm o olho

---

<sup>18</sup> Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>19</sup> Capital de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>20</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>21</sup> Primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

<sup>22</sup> Aparelho tipo “telefone” utilizado para comunicação interna da ferrovia.

<sup>23</sup> O entrevistado refere-se a uma das salas da Estação Ferroviária de Ouro Preto.

<sup>24</sup> Refere-se às filhas.

rasgado, [riso] olho de japonês! Ela é pedagoga... Não... Esse negócio de você fazer exercício... Ela se formou naquele trem<sup>25</sup> em São José dos Campos, até pela Aeronáutica; ia para lá como tenente... Como fala isso que eles põem você na faculdade desse negócio? Como tem aqui no fundo de Ouro Preto, natação essa coisa...

**Keka Simões** – Educação Física?

**Antônio Leite** – Hein?

**Keka Simões** – Educação Física?

**Antônio Leite** – Não, ele está fazendo parte dos estudos dela. Mas é aquele outro... Esse negócio que você faz dentro da piscina, faz fora com...

**Elodia Lebourg** – Fisioterapia?

**Antônio Leite** – Fisioterapeuta! É isso! Ela mora em São Paulo, São José dos Campos... São José dos Campos, não, São Sebastião, mas... Ilha Bela, por ali. E o resto está tudo espalhado por aí. Tem um que mora em Itu<sup>26</sup>, é engenheiro de minas. Outros dois estão na Petrobras, um em Macaé e o outro em Petrópolis<sup>27</sup>. Um mais novo – que é um safado que eu tenho [riso] – trabalhou na Vale<sup>28</sup>, mas arrumou uma enrolada lá com a turma e não foi, não. Saiu de lá, agora arrumou uma coitada, que o está acompanhando... Ontem, ele estava aí... Mas é um enrolado, não tem jeito! Mas eu não vim aqui “fazer caveira” dos meus filhos. Deixa eles quietos para lá! Vivam como quiserem.

**Elodia Lebourg** – Mas, voltando à ferrovia, como o senhor aprendeu a trabalhar no telégrafo?

**Antônio Leite** – Ah, isso é como eu estava dizendo. Eu ia para a Estação com meu pai e outras gentes estavam lá... O chefe-de-estação<sup>29</sup> ensinava aquele serviço todo, como fazia e coisa...

**Elodia Lebourg** – Antes de ser fichado na ferrovia, você já sabia mexer com telégrafo?

**Antônio Leite** – Já, já trabalhava com telégrafo... Já respondia tudo de acordo.

**Elodia Lebourg** – E nesses outros postos de trabalho – Miguel Burnier, Raposos...?

---

<sup>25</sup> Trem, neste caso, significa o curso de graduação em que sua filha se formou.

<sup>26</sup> Município de São Paulo.

<sup>27</sup> Macaé e Petrópolis são municípios do Rio de Janeiro.

<sup>28</sup> Companhia Vale do Rio Doce.

<sup>29</sup> Profissional responsável por coordenar as atividades realizadas em uma estação ferroviária.

**Antônio Leite** – Ah, isso era o mesmo serviço! Era despachar mercadoria, receber mercadoria, transporte de mercadoria, importar e exportar. Eu despachei muito minério de ferro daqui. Ia para a marítima<sup>30</sup>, da marítima ia para o Japão, para todo lado. Eu vou falar com você: você notou alguma diferença que tem o sol no firmamento? Aquilo é minério que eu despachei para o Japão! Isso vai rodar, qualquer hora vai virar para um lado só! [risos] Se a gente levantar nessa Vale... Nós trabalhávamos às vezes conjugados com a Vale. Era Nova Era<sup>31</sup>, Vale do Rio Doce... Isso já teve um punhado de nome! Vale do Rio Doce, Estrada de Ferro Vitória–Minas, isso já mudou muito de nome. Porque, para poder roubar de outro jeito, eles têm que estar mudando o nome. Esta que está aqui agora não é a Vitória–Minas, e nem essa... Como é que vocês dizem aí? Vale do Rio Doce... Rede Ferroviária... Para poder nos prejudicar. Só no meu ordenado eles me deram prejuízo de 300 mil reais, que foram cortados. Esse negócio mudou o nome, RC... RCA<sup>32</sup>, sei lá. Você pergunta: “Ah, é aquele Trem da Vale? É coisa...” Vale o quê? Eles puseram na Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, para esses negócios aí, Centro-Atlântica [inaudível]. Você pergunta e tem dia que isso é Centro-Atlântica; pergunta outro, não, é Vale do Rio Doce. Falei: “Eu não sei onde que estão jogando minha bola, a gente está sem saber”. A Vale, toda vida, foi que seguiu isso aqui, porque a Vale tem ordem, o serviço dela é todo feito de acordo. E na Central<sup>33</sup> havia 10 engenheiros para mandar em três homens. Os pais... [riso] Seu avô<sup>34</sup> era diretor aqui ó<sup>35</sup>. Ele era meio carrancudo, mal criado feito não sei o quê! Ele trabalhava no ferro fundido. Esses engenheiros vinham estudar aqui, mexer com forno, ferro-gusa. Eles faziam muito ferro-gusa na ocasião da Guerra<sup>36</sup>, daqui ia para a marítima. Mas é essa enrolada toda aí. Era gostoso, sabe? Você viver sem ladrão também não dá, tem que... Você vai na velha e arranca um bolso, [riso] arranca outro. E é isso aí. Tem dia que você ri, morre de rir; outro dia você morre de chorar... Não é? Vocês... Um exemplo:

---

<sup>30</sup> Via marítima, despachante marítimo.

<sup>31</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal de Nova Era, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>32</sup> O entrevistado confunde RCA com FCA, Ferrovia Centro-Atlântica.

<sup>33</sup> Estrada de Ferro Central do Brasil.

<sup>34</sup> O entrevistado refere-se a Washington Moraes de Andrade, que foi diretor do Parque Metalúrgico da Escola de Minas e é avô do entrevistador Bernardo Andrade.

<sup>35</sup> O entrevistado refere-se ao Parque Metalúrgico, atual Centro de Artes e Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto; na época, pertencia à Escola de Minas.

futuramente, vocês não sabem nem como vão criar seus filhos. Você não pode bater, quem pode matar é a polícia... Você vê um filho tomando chute na cabeça e coisa. Menino hoje já está numa maconha desgraçada... [riso] Como um dia, há muito tempo, eles trouxeram maconha para eu cheirar. Isso é velho! Eu estava com trinta e tantos anos e cheirei umas maconhinhas! [risos] Uma vez, veio um capitão do Exército, do 10º Batalhão onde eu servi... Veio o general, ele já era general, capitão Lopes Bragança<sup>37</sup>... Lopes Bragança era meu comandante e Zé Bragança<sup>38</sup> era o major... Então vieram o major e o capitão para tirar uma filha dele que estava drogada, na Barra<sup>39</sup>. [riso] Ali foi preso um camarada que vendia artigo de selaria; ele era de Tiradentes<sup>40</sup> e estava aqui vendendo artigo de selaria. Tinha uma plantação desse trem<sup>41</sup> aí, na volta dele, na Barra. Ah, rapaz! [riso] Foi um tal de prender gente! Eu mesmo peguei minha motocicleta – aqui não tinha nem calçamento direito – e subi aqui para sair fora, senão estava danado! Porque eu estava com uma catinga de maconha danada! [riso] Está doido, sô! Mas que era bom, era.

**Elodia Lebourg** – São muitas lembranças boas, não é?

**Antônio Leite** – Sim. Essas ruins... Mas só lembra trem<sup>42</sup> ruim. Você aprende, põe você no caminho bom, você vai é para o ruim, não tem jeito, não. É igual aqui... Você reza?

**Elodia Lebourg** – Sim.

**Antônio Leite** – Você reza para quê? Por que vocês rezam?

**Elodia Lebourg** – Por que a gente reza?

**Antônio Leite** – É.

**Elodia Lebourg** – São vários motivos. Por que o senhor reza?

**Antônio Leite** – Por que é católico? É com medo de ir para o céu ou para o inferno? Mas eu vivo com um... Eu não acredito nisso, não. Lá em casa, a mulher me xinga, o padre... Ela tem um sobrinho que é padre. Mas é tudo enrolado, tudo... Sempre tem um caminho ali que eles abrem. É igual a deputado: não vai para a cadeia de jeito nenhum, porque na hora H, em que

---

<sup>36</sup> Segunda Guerra Mundial.

<sup>37</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>38</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>39</sup> Bairro de Ouro Preto.

<sup>40</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>41</sup> Trem, neste caso, significa o tipo de plantação a que está se referindo.

<sup>42</sup> Trem, neste caso, significa coisa.

estão sendo condenados, eles arrumam um trem<sup>43</sup> e dão uma rasteira fora, não é? Então esse mundo é isso que está aí. Eu sirvo de exemplo para muita gente. Falo com vocês: “Vão para o lado bom”. Agora, não tenho arrependimento de ser honesto. Isso eu garanto para qualquer um, graças a Deus! Minha casa é... [riso] Vou contar para vocês um caso... Coitada da mulher! Se ela souber que falei isso aqui, ela até me dá um couro! Meu sogro era fazendeiro, mexia com animais, tinha um pessoal que trabalhava com ele... Era uma fartura danada, mas aprender a ler... Era quarto ano primário e coisa. Minha mulher me pegou depois que dei baixa<sup>44</sup>. Eu vi que ia para a Itália, então fui para minha terra, aonde ela chegou com a mãe, me visitando e tal. Eu estava pesando 78 quilos, era sargento, estava fazendo serviço para o 10º RI<sup>45</sup>. Nós éramos seis mil homens dentro do 10º RI. Tinha a Casa de Correção do outro lado, na Contorno<sup>46</sup>, e o quartel era na Augusto de Lima<sup>47</sup>. Naquele tempo era 10º Batalhão de Infantaria, hoje mudou para 12º, em Juiz de Fora<sup>48</sup>. Então, fui para lá e Deus ajudou que eu entrei naquele meio e fiquei bom, não é? Mas acostumei a nunca... Não havia fuzil que ficasse com [inaudível] eu roubei tudo! Eu roubava mesmo. Até botina no pé do camarada dormindo eu já tirei para vender! Eu não recebia nada do Exército... E ficava a noite inteira com a mochila, ouvindo o rádio – era só rádio que tinha – a falar: “Dem, dem. Tomaram Berlim, tomaram...” Eu já esqueci o nome do homem, do francês – General Gamelin<sup>49</sup> tomou com 24 horas, vieram os americanos, bateram, tomaram aquela porcaria toda. E aí foi indo, até dia cinco de abril de 1945... Dia oito de maio de 1945<sup>50</sup> acabou. Deus ajudou e eu tirei a mochila das costas. Aí vim embora. Em 1946, vi essa minha esposa aí. Ela e a mãe foram lá em casa. A mãe queria jogá-la fora, foi lá em casa e falou: [riso] “Toma essa merda para você!” Com licença da expressão, coitada! Ela veio na conversa, hoje ela que anda me carregando aí. Cuidou dos filhos, já que eu não tinha condições,

---

<sup>43</sup> Trem, neste caso, significa argumento, solução.

<sup>44</sup> Baixa do Exército.

<sup>45</sup> 10º Regimento de Infantaria.

<sup>46</sup> Avenida do Contorno, em Belo Horizonte.

<sup>47</sup> Avenida Augusto de Lima, em Belo Horizonte.

<sup>48</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>49</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>50</sup> No dia sete de maio de 1945 ocorre a rendição incondicional das forças alemãs aos Aliados, na Segunda Guerra Mundial. No dia oito, Truman (presidente americano), De Gaulle (general francês, comandante das Forças Armadas francesas), Stalin (chefe militar das Forças Armadas russas) e Churchill (primeiro-ministro britânico) anunciam a vitória aliada.

porque trabalhava fora, não é? Então ela que tinha que tomar a lição dos meninos, ensinar a fazer conta e tudo. Mas Deus ajudou e todos eles são formados. Agora, eu não tive condições, nem ela. Bom, toda vida... Eu vou falar uma coisa. Desde novo, nem pegar no braço da minha mulher eu pegava. Eu era meio doido, hein? Se pegasse levava [inaudível] ela tudo. Nesse caso, ia só lá conversar; meu sogro era delegado – ainda mais com revólver na cintura. Eu olhava para ela e olhava meu sogro. Falei: “Ah, diabo! Estou perdido! Não dá, não!” Aí acabei casando, tudo bem. A gente tinha uns dois meses de casado quando apareceram umas galinhas na horta de casa. A mulher xingava as galinhas daqui, dali, comendo as couves dela... Foi lá, pegou uma galinha, matou e fez a galinha para comer. Ai, meu Deus! [risos] Eu cheguei em casa: “Olha, eu fiz uma galinha aí boa mesmo, gorda e tal e coisa.” “É, está bom.” Aí eu comecei a comer. “Que tal está a galinha?” “Está boa!” Tinha um pé de jabuticaba em frente da porta de casa que eu estava... Eu fui almoçar, ela virou para mim: “Olha, você gostou?” Aí eu fui e comi. “Mas eu não deixei você com dinheiro”, porque eu estava com o dinheiro no bolso. “Ah, essa galinha entrou aí e eu matei para comer”. Eu falei: “Ladrona não! Eu não sabia que você era ladra, não!” Pinte o diabo com ela, peguei o prato com a galinha e tudo e joguei fora. Ela falou: “Esse diabo desse homem está com o capeta, [inaudível]”. [riso] A mulher ficou boa para danar, coitada! Com certeza... Se ela tinha costume... Eu tinha que olhar sabe por quê? Era raça de cigano, ladrão de galinha, não é? Cigano. O pai era bugre, ela era cigana, andava com uma... A avó andava feito uma danada! Morreu com 115 anos, era cigana. Então eu fiquei... “Ô, diabo! Será que eu casei com uma mulher ladrona de galinha?” [riso] A coitada foi... Até hoje, ela não gosta nem que eu fale em nome de galinha com ela. [riso] Mas é isso aí, viu?

**Elodia Lebourg** – Senhor Antônio, eu queria perguntar mais algumas coisas a respeito do seu trabalho...

**Antônio Leite** – Pode perguntar.

**Elodia Lebourg** – O senhor falou que trabalhou no telégrafo em vários locais. Neste caso, o senhor se mudava para esses distritos? Como o senhor fazia?

**Antônio Leite** – Cada setor... O nosso setor era Transporte. O Nilson de Lourdes<sup>51</sup> tomava conta de escrita, de escritório, manutenção da linha. Tinha o engenheiro para mandar naquilo – Oscar Jacques foi o penúltimo engenheiro daqui. Para lá da ponte era o escritório e ele trabalhava lá. Ele entrou aqui para pegar lugar, não como agente, porque ele nunca mexeu com telégrafo nem nada. O pai dele foi agente também, mas ele entrou e passou a supervisor... Ele é inteligente, não é burro, não; ele foi para supervisor nessa coisa aí. Nós não tínhamos nada com Via Permanente<sup>52</sup>; nós tínhamos com Transporte. E ele já era da Via Permanente. Tanto que eu trabalhava no telégrafo e ele não conhece nada de telégrafo. Ele conhece de escritório, de auxiliar de escritório, depois supervisor, esteve em Vitória<sup>53</sup>, mas ele aceitou. Então... RV 31<sup>54</sup> – quando entrei, era IV10 – Via Permanente, era ali. O engenheiro pegava de Ponte Nova<sup>55</sup> e ia a Sabará, o que era um distrito. Agora, se fosse para Lafaiete, já era outro distrito. Era dividido esse negócio... Pedreiro, carpinteiro, mecânico, isto tudo pertencia ao escritório, à Via Permanente; eles davam assistência para esses negócios. Na estrada de ferro, nós éramos comunicação e serviço de despacho, transporte. Em 1930 – eu estava com sete anos – começaram a tirar carvão aí. Acabou, até a água está acabando. O brasileiro só sabe desmanchar, consertar não sabe. Tinha mata para todo lado, até onça você encontrava! Foi morta uma onça em Topázio<sup>56</sup>, quando eu estava trabalhando aí... Quase que o bicho ainda me pega! [risos] Mataram-na. Tinha onça por todo lado. Hoje em dia você não acha nem... Sei lá, acabou com a mata, acabou com tudo. Devastou esse trem tudo<sup>57</sup> e ficou esse negócio todo pelado aí... A temperatura não ameniza de jeito nenhum, esse trem doido<sup>58</sup> que você não agüenta. E está nisso que você está vendo, esse povo nosso aí. Agora está animado, não está? O brasileiro tem essa vantagem,

---

<sup>51</sup> Nilson Lourdes de Oliveira, entrevistado pelo Vale Registrar.

<sup>52</sup> Setor responsável pela construção e manutenção de vias férreas, de forma a assegurar que elas estejam em perfeito estado.

<sup>53</sup> Capital do Espírito Santo, por onde passava um trecho da Linha do Litoral, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>54</sup> Código antigo deste ramal ferroviário.

<sup>55</sup> Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>56</sup> Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. A Estação Ferroviária de Topázios foi inaugurada em 1944 como um posto telegráfico. Localizada em Ouro Preto.

<sup>57</sup> Trem tudo, neste caso, significa tudo isso.

<sup>58</sup> Trem doido, neste caso, significa algo estranho, fora do normal.

bateu uma caixa lá... O Hino Nacional era cantado em uma festa cívica, no Exército, na Prefeitura, essas coisas. Hoje, eles tocam no forró, dançando forró com o Hino Nacional! Ele é tão bem feito... Acho que o Hino Nacional melhor que tem no mundo é este. Você sabe por quê? Porque ele manda deitar e dormir! Não manda trabalhar, não. [riso] “Deitado eternamente em berço esplêndido”. Eternamente, ninguém vai trabalhar, não...

**Elodia Lebourg** – Do contrário, o senhor trabalhou muito, não foi? Me fala um pouquinho da sua rotina...

**Antônio Leite** – À noite e de dia. Tinha pernoite, trabalhava durante o dia, trabalhava durante a noite...

**Elodia Lebourg** – Qual era seu horário de trabalho?

**Antônio Leite** – Pegava das sete às cinco<sup>59</sup>, por exemplo... Entrava às cinco e saía às oito do outro dia. Aqui nesta Estação era assim. Outras estações só abriam às 24 horas, às 12 horas. Dom Bosco, Topázio, essas estações intermediárias tinham horário. Tinha dia que o trem atrasava, tinha dia que o trem adiantava. Ficava aí.

**Elodia Lebourg** – Em Ouro Preto, o senhor trabalhou aqui neste prédio da Estação?

**Antônio Leite** – É, trabalhei aqui, no telégrafo – que era no meio – e passageiro. Ali vendia passagem e...

**Elodia Lebourg** – Você vendia essas passagens ou tinha algum funcionário específico?

**Antônio Leite** – A missão do agente era: telegrafista, comunicação e transporte de mercadoria e venda de passagem, atender trem de passageiro.

**Elodia Lebourg** – Você fazia tudo isso?

**Antônio Leite** – O agente era obrigado a fazer tudo isso; o resto, não. Como estou dizendo... Esse rapaz de Via Permanente tomava conta da carpintaria, pedreiro, essa coisa toda. O nosso setor, não. O nosso era comunicação. Não era como hoje, que tem televisão, tem isso, tem aquilo. Televisão, a primeira televisão que vi foi em 1950, em São Paulo. Antigamente, era telégrafo. Morria um aqui... De Acaiaca eles avisavam aqui; a gente ia a pé – nem transporte tinha – lá no fim das Cabeças<sup>60</sup> dar um recado: “Fulano morreu”. Era assim.

---

<sup>59</sup> Das sete horas da manhã às 17 horas.

<sup>60</sup> Bairro de Ouro Preto.

Hoje, não. Tem dia que eu pego o ônibus para descer e para subir também, não tem jeito, não é? É isso.

**Elodia Lebourg** – Qual era o tipo de mensagem que você recebia e enviava pelo telégrafo?

**Antônio Leite** – Eram telegramas para o... Quando entrava o Correio no meio... Tinha um convênio com o DCT, Departamento de Correio e Telégrafo, naquele tempo. Essas estações que não tinham o Correio... Então nós recebíamos lá e transmitíamos para a rua, para o DCT, que ficava ali na... Casa dos Contos? Esqueci até o nome daquela casa ali... Na Rua São José, onde foi o negócio de dinheiro ali. Como fala? Dizem que foi a Casa da Moeda, não sei. Ali era o Correio, depois mudou. Então nós trabalhávamos transmitindo telegrama ou qualquer coisa que havia, ordem... A nossa telegrafia, nossas ordens vinham do Rio: frete, passagem, tombamento de trem, morte... Morreu já muita gente aí, o trem passou no meio do pescoço de um, o outro suicidou... Era isso que era o nosso... O agente fazia tudo, sabe? Até capinar. Não tinha outro jeito, não.

**Elodia Lebourg** – Vocês também enviavam mensagens para o Rio?

**Antônio Leite** – Hein?

**Elodia Lebourg** – Vocês também enviavam mensagens para o Rio? Você falou que recebia mensagens do Rio de Janeiro, informações referentes ao trem. E vocês enviavam mensagens?

**Antônio Leite** – Para essas estações intermediárias, nós tínhamos que distribuir. Distribuíamos no próprio telégrafo, porque não alcançava a telegrafia de lá até aqui sobre o fio. Ladrão roubava fio, menino arrebatava fio... Antônio Alves dava assistência a isso. Ele<sup>61</sup> se lembra dele, do Antônio Alves – morou aqui, era mestre-de-linha, eletricidade. Você lembra, não é? Ele tomava conta dos fios, e os telégrafos estudavam esse negócio de montar e desmontar telégrafo. Nós éramos também obrigados a conhecer alguma coisa, senão ficava sem comunicação durante o dia. Tinha um trem de Mariana para subir e outro daqui para descer. Como arrumávamos, não é? Tínhamos que ter um preparo, para resolver aquilo de repente, porque trem andava lotado. E, naquele tempo, mulher andava bonitinha, toda cheia de chapéu, com um

---

<sup>61</sup> O entrevistado refere-se ao monitor Bernardo Andrade que, anteriormente, havia entrevistado tanto o Senhor Antônio Alves como o Senhor Antônio Miguel Leite.

vestido capiau<sup>62</sup> [riso] lá embaixo<sup>63</sup>. Mulher bonita para danar, francesa [riso], tudo aqui para esse Ouro Preto! Chegava, falava comigo, entrava por um ouvido e saía pelo outro, sei lá! [riso] Isso aí não dava. Falar francês, inglês, americano aí, não dava, não. Mas sempre vivia cheio aqui. Ah, isso aqui era bom demais, cheio de gente o dia inteiro! Era bom demais, viu? Mas acabou, agora está tudo diferente...

**Elodia Lebourg** – O senhor falou que também trabalhava com o armazém, aqui na Estação. Que tipo de trabalho o senhor fazia?

**Antônio Leite** – Despachar mercadorias.

**Elodia Lebourg** – Que tipo de mercadorias?

**Antônio Leite** – Tudo. Tudo que vocês trouxessem, excremento, cavalo, boi... Os bois embarcados em Belo Horizonte vinham de Montes Claros<sup>64</sup>. Eram embarcados em Belo Horizonte, desembarcados e transferidos do trem de uma bitola para outra, porque lá é bitola um metro e 60, e aqui era um metro. Nova Era fazia entroncamento com essa Vale do Rio Doce e despachava boi até Nova Era. De Nova Era para lá pegava a Central, mandava para cá, daqui mandava para Belo Horizonte, de Belo Horizonte pegava Lafaiete, de Lafaiete para o Rio. Naquele tempo, o boi morria lá. Agora é que o boi vai dentro de um saco. Antigamente, iam 10, 20 vagões de boi; cada vagão comportava 26 homens. O boi pesava 10, 12 arrobas. Até isso eu sei, porque tinha que ir lá contar cabeça de boi, [riso] quantos boi iam, quantos tombaram, se matou tudo... Era uma rotina, entendeu? Agora, tinha que fazer muita coisa que não era para o seu... Como chama? Estrada de ferro naquele tempo explorava, pagava a você a diferença, sabe? Eu, pelo menos, estive comissionado – falava-se comissionado – em Dom Bosco como chefe-de-estação. Aqui, eu só substituí chefe, nunca fui chefe-de-estação. O único que ainda tem, o coitado está com esse mal de Parkinson, está todo tremendo. Ele é mais velho do que eu – Antônio André da Luz<sup>65</sup>, o único agente que tem aí, que está aqui, que trabalhou aqui, se estiver vivo. Eu e ele. No dia em que veio essa máquina<sup>66</sup>, dizem que ele esteve aí. Mas eu não vi, há muitos anos eu não o vejo. Foi o

---

<sup>62</sup> Termo que pode significar algo brega, ultrapassado, ou que pode se relacionar à área rural, à roça.

<sup>63</sup> Comprido, abaixo dos joelhos.

<sup>64</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>65</sup> Entrevistado pelo Vale Registrar.

<sup>66</sup> Inauguração do Trem da Vale.

último agente que teve. Ficou aí, porque a Leopoldina<sup>67</sup> veio e encampou. A Leopoldina desviou dinheiro por todo lado, acabou com a raça das ferrovias. Então, gente ganhava muito dinheiro que não estava nem no gibi! Ele, Antônio Luz, não quis ficar aí, foi para Belo Horizonte. Em Belo Horizonte ele se aposentou. Depois não o vi mais; dizem que está vivo. Eu e ele. Agora, de agente que fazia isso tudo... Os outros, você pergunta o que eles faziam. O Nilson, por exemplo, como é que ele fazia o despacho? Ele: “Ah, negócio de...”. Ele era da área de pessoal de Via Permanente, não é? Como seria comigo: me manda para o serviço dele, eu não faço nada; manda ele para o meu, também nada faz, não é? Hoje mudou muito. Você vai ao médico, tem um para o dedo grande, outro para o dedo miúdo, outro para o dedo da mão. Eles estão matando que é uma beleza, ninguém vai para a cadeia! Advogado rouba, não vai; médico, se é vivo, mata e não tem crime; padre é um ladrão para pedir, só pedir. Você fica bobo e eles te largam sem santo e ele sem roupa [riso], não é? O mundo está nessa situação, se você brincar... Minha mulher é muito caridosa, chegou um padre lá e ela deu um cheque de 60 reais. Mas ela é muito caridosa mesmo! Eu estava no Correio [riso], cheguei em casa e estou conversando com... Passados dois meses, ela manda buscar o extrato da conta. Quando chegou o cheque de 60, quanto estava, você sabe?

**Elodia Lebourg** – Quanto?

**Antônio Leite** – O padre transformou os 60 em quanto?

**Elodia Lebourg** – Não sei...

**Antônio Leite** – Trezentos e sessenta reais. Ela deixou um espaço e o desgraçado... [riso] Mais 300 cruzeiros. Eram 60. Então quando vem [inaudível], falei: “Aí, mulher, você está vendo! Se eu não estiver dentro de casa, você vai dar esmola para os padres todos? Não tem jeito, não!” [inaudível] esmola, ninguém lá passa fome. Lá em casa sempre fez comida para sobrar. Você vai lá em casa; se o almoço não estiver pronto... Se estiver, ela dá; se não estiver, ela vai fazer, ela tem essa vantagem. Minhas noras, Nossa Senhora! Só faltam ser carregadas nas costas, tudo elas querem... Sei lá, cada uma está de um jeito. Uma calça sapato com um salto deste tamanho, rebolando! [riso] É como diz o outro... De carro novo e coisa... Tem uma que já

---

<sup>67</sup> A Estrada de Ferro Leopoldina encampou este trecho na década de 1970.

arranhou o carro aí umas quatro vezes, já foi embora... Foi criada no apogeu, não é? Mas é, coitado, é trouxe, foi e casou, está lá. Mas é isso, a vida é essa aí. Vocês vão olhando aí, vão olhando... Que Ouro Preto não tem lugar melhor, isso aqui foi... Seu fulano, seu beltrano, seu isso, seu aquilo, tudo é coisa que o sujeito inventa na rua para falar. Tiradentes<sup>68</sup>, esse povo, Felipe dos Santos<sup>69</sup>, isso tudo aí é... Sei lá! Chama a gente para ajudar, eu também devia ser... Como é que fala? Tem um modo de dizer: historiador, não é? Eu devia ser um historiador. Se eu estudasse, eu ia fazer isso, inventar coisa, botar Ouro Preto mais longe ainda. Mas é isso, gente. Cada um é uma missão. Você é que é da Prefeitura, não é?

**Bernardo Andrade** – Eu? Não, sou não.

**Antônio Leite** – Lá é uma boca boa. [risos] Prefeitura, o que mais aí gente... Engenharia, isso tudo você já viu. Mas o engenheiro, coitado, não é como antigamente, não. Chegava cada capiau aqui com umas... Para arrumar escola... Com pouco mais o desgraçado estava mandando na gente [riso]... Entrava na estrada e ficava aí. Só vinha receber o dinheiro. Você, às vezes, nem conhecia quem era o engenheiro; mas era chefe da gente.

**Elodia Lebourg** – Mas, Senhor Antônio, fala um pouco mais sobre a Estação, à época em que o senhor trabalhou. Tinha esses galpões?

**Antônio Leite** – A Estação era isto que você está vendo aí, mas com movimento diário. Eram quatro trens: vinham dois de Belo Horizonte e dois de Mariana. Um nascia em Belo Horizonte – SO1<sup>70</sup> – e passava aqui às 11 horas, dez e pouco, quando fazia o ponto de almoço onde hoje é pensão não sei o quê lá. Nem sei mais o que é isso aí. O SO1 saía de Belo Horizonte e vinha até Ponte Nova. O SO2<sup>71</sup> subia e ia até Belo Horizonte, mas nascia em Mariana; de lá até Ponte Nova ele não ia, não. Ele ia um dia sim, outro não. Então, para baixo era ímpar e para cima era par. Eram dois subindo e dois descendo no mesmo dia.

**Elodia Lebourg** – Eram trens de carga ou de passageiro?

**Antônio Leite** – Esses eram de passageiro. Agora, de carga tinha dia que corriam 10 trens, cinco trens, seis, cada um com oito vagões, 10 vagões.

---

<sup>68</sup> Mártir da Inconfidência Mineira, de 1789. O entrevistado confunde-se, pois é um personagem real.

<sup>69</sup> Mártir da Sedição de Vila Rica, de 1720. O entrevistado confunde-se, pois é um personagem real.

<sup>70</sup> Prefixo de um comboio.

Naquele tempo, a capacidade de cada vagão era 42 mil. Já melhorou, quando eu saí já era... Agora são 60 mil; na Vale eu acho que são até 100 mil quilos, não é? Naquele tempo, não. Feijão, arroz, fubá, cimento, esse trem<sup>72</sup> a gente recebia aqui... Aqui recebia isso e despachava. Nós despachávamos daqui para... Pólvora, pirita para fazer pólvora... Ministro da Guerra... Ia para São Paulo, onde tem uma Academia do Exército, como é que chama? É lá mesmo. Mandava para lá, para esse lugar que eu esqueci o nome, dois vagões de pirita para poder fabricar pólvora. O minério era daqui. Doutor Caran<sup>73</sup> era dono desse trem aí<sup>74</sup>. Até uma filha dele, que trabalhou na Prefeitura, falou comigo no dia em que a máquina veio: “Você se lembra do meu pai?” “Lembro”. O pai dela era médico, um perdidão, mas muito bom. De modo que... Açúcar... Nós só íamos até Ponte Nova, de Ponte Nova para lá era Estrada de Ferro Leopoldina. Isso aí é no tempo da Central do Brasil. Nós pegávamos na baldeação, o transporte já passava para a Central, e levávamos até Belo Horizonte. Nesse lugar onde hoje é a Serraria<sup>75</sup>... Nós não despachávamos, outros agentes da Leopoldina faziam o despacho de madeira de São Pedro dos Ferros<sup>76</sup> para a serraria, serralheria, não sei o que lá, ali na Estação de Belo Horizonte. Aquilo era uma serralheria, hoje é aquele negócio de teatro, essas coisas... Mas despachamos... Então, o transporte nosso, o principal aqui, era carvão vegetal. Tinha dia que corriam cinco, seis trens de carvão – a mata ia toda dentro desses vagões. Eram 15 mil, 20 mil quilos de carvão cada vez. Iam para a Siderúrgica Belgo Mineira<sup>77</sup>, Companhia... Companhia... Esqueci... Aquele Zé Brandão<sup>78</sup>... Burnier, ferro-gusa. Sabará, aquela Companhia... Como é que ela chamava, gente? Vale do Rio Doce não é... Sei lá. Fazia trilho também, fabricava trilho também. A Siderúrgica Belgo Mineira, em João Monlevade<sup>79</sup>... Isso tudo era escoado pelas ferrovias. Ainda não tinha rodovia aqui. Era terra isso tudo; até 1960 era terra. Daí para cá é que asfaltaram, começaram abrir caminho, acabaram com a estrada de ferro, acompanhando

---

<sup>71</sup> Prefixo de um comboio.

<sup>72</sup> Trem, neste caso, significa gêneros, produtos.

<sup>73</sup> Alberto Caran foi prefeito de Ouro Preto no início da década de 1980.

<sup>74</sup> Trem, neste caso, significa o negócio pertencente ao Doutor Caran.

<sup>75</sup> Serraria Sousa Pinto.

<sup>76</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>77</sup> Belgo Mineira Companhia Siderúrgica.

<sup>78</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>79</sup> Município de Minas Gerais.

o... Como é que chama? Então era carvão, madeira, passagem. Aqui só produzia minério, pirita e minério. [inaudível] O avô dele<sup>80</sup> era chefe da Escola. Só achava ferro-gusa e coisa. Cal, você recebia vagão de cal, vinha não sei de onde, dizem que de São Paulo, daquela Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Estrada de Ferro Araraquara... Era um punhado de estrada de ferro que tinha... Tinha Tereza Cristina<sup>81</sup>, lá para o Nordeste... Eu tinha isso na cabeça. Se você me perguntasse daqui a Corumbá, quanto tem? Eles falam vagão para Bolívia e Corumbá, e ela pegava a estrada de ferro que tinha lá de – como é que chama? – Sorocabana<sup>82</sup>, Mogiana<sup>83</sup>, pega ela lá, vai até Corumbá... Eu esqueci o nome do lugar onde fazia entroncamento. Mas a bitola é a mesma, porque aqui, acho que temos um metro e 60, um metro e dois, 76 centímetros, que é essa bitola do curso a Tiradentes, e um metro e 40 que está lá... Acho que faz parte dessa Vale do Rio Doce até o Pará. A gente fazia despacho disso tudo e recebia também. Aqui tinha uma vantagem: recebia muito caixão. [riso] O armazém aqui era... Onde vocês me levaram, que está bonitinho ali... Meu Deus! Eu tinha um medo de entrar ali! Cheio de caixão! Aqui batia sino o dia inteiro para defunto! Tem uma turma aqui... Vai gostar de defunto assim não sei onde... Morria muita gente, não é?

**Elodia Lebourg** – Era o senhor quem recebia essa mercadoria, o caixão, as outras...?

**Antônio Leite** – É... Isso despachava, não é? Recebia mercadoria e despachava. Era minério, trem por lotação... E animais também, vagões de animais, essa coisa. Fazia isso tudo. Era conosco. Isso que vocês fazem hoje aí... Hoje a televisão está mostrando tudo como é que é. Se você não aprendeu direito a roubar, a televisão ensina, e assim lá vai.

**Elodia Lebourg** – Essa mercadoria que vinha de fora e que chegava aqui no armazém já vinha para alguém que era particular? Como era isso?

**Antônio Leite** – Nominal... Eram os empresários. Naquele tempo não se falava empresário; era negociante, sei lá mais o quê... Aqui, João Batista Fortes era o cara dono dos armazéns aí, armazém bom mesmo. Petrônio Carlos de Oliveira,

---

<sup>80</sup> O entrevistado novamente se refere ao avô do entrevistador Bernardo Andrade.

<sup>81</sup> Ferrovia Tereza Cristina.

<sup>82</sup> Estrada de Ferro Sorocabana.

<sup>83</sup> Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

Zé João Ribeiro<sup>84</sup>, esses são os nomes da elite de dinheiro, que tinha aí... Sei lá... Não lembro, não; era muita gente boa que tinha aqui. Família de tradição aí tinha, aquele povo que você conhece aqui, o Preto<sup>85</sup>, não é? [riso] O Preto é um safado mesmo! [riso] Ele era preto, mas gente boa. Roque de Paiva, daquela família Paiva, não é? Já ia falando Andrade, Andrade é o seu avô<sup>86</sup>. Esse povo é que era dono de Ouro Preto. Ouro Preto era muito gostoso, rapaz! Não sei por que... Não tinha ladrão, não tinha nada; agora tem tudo. Graças a Deus, está evoluindo, não é?

**Elodia Lebourg** – Senhor Antônio, essa mercadoria que chegava ao armazém ficava estocada por algum tempo?

**Antônio Leite** – Eles compravam já com a data de entrega. O dono que recebia vinha aqui tirar. Ele vinha com um caminhãozinho aí. E lá veio de avião, não sei de onde que nem tinha avião. Aqui tinha um caminhãozinho que fazia esse transporte para entrega.

**Elodia Lebourg** – Em qual horário o armazém funcionava?

**Antônio Leite** – O armazém funcionava... Durante o dia... Esses grandes só trabalhavam durante o dia, das sete às cinco<sup>87</sup>.

**Elodia Lebourg** – O senhor estava falando que na Estação não tinha um serviço específico para cada pessoa... Cada funcionário podia fazer vários serviços, certo?

**Antônio Leite** – Sim.

**Elodia Lebourg** – Mas eram muitos ou poucos funcionários?

**Antônio Leite** – Nós éramos lá... Eram sete agentes, sete mexiam com telégrafo e tudo...

**Elodia Lebourg** – Com o telégrafo?

**Antônio Leite** – É, com telégrafo, que é esse de transmissão aí... Transporte... E a nossa comunicação era através do alfabeto Morse. Depois é que veio o seletivo, de 1940 para cá. Mas eu ainda não estava na estrada. Meu pai trabalhava lá e eu treinava, não é? Lá tinha esse tal de seletivo. Seletivo era na mesma sala do telégrafo. Nós tínhamos um do ICT<sup>88</sup>, um para movimento de

---

<sup>84</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>85</sup> O entrevistado não mencionou o nome.

<sup>86</sup> O entrevistado se refere ao monitor Bernardo Andrade.

<sup>87</sup> Das sete horas da manhã às 17 horas.

<sup>88</sup> Instituto Científico e Tecnológico.

trem e outro para comunicação de tarifas, que era do Rio. Nós recebíamos, tirávamos cópias, mandávamos para as estações intermédias e aqui distribuíamos. Às vezes o frete ia entrar... Ia começar amanhã, e ainda hoje não tinha chegado... Chegava amanhã. Na hora de entrar, você ainda tinha que cobrar a reposição daquele dinheiro, daquele frete que foi cobrado errado. Saramenha<sup>89</sup> recebia muito minério; cortaram isso não sei o porquê. Aleijou Saramenha. Olha o que é o Brasil. Eles tiravam bauxita aqui em cima; acabou tudo. Eu pedia vagão para poder despachar a bauxita aqui e não tinha; as outras estradas de ferro escondiam tudo, os engenheiros... Tinha propina, tinha isso tudo aí. [riso] Mas é... Como se diz, Deus não pode falar, não é? Hoje eu estou falando, estou contando. Quem fez isso já foi embora há muito tempo, coitado! Teve nego<sup>90</sup> que criou família tirando arroz com feijão de dentro dos sacos que sobravam na Estação. Agora, bêbado, gente que bebia cachaça não trabalhava comigo. Ladrão, desse nem notícia eu queria! Então, eles não gostavam de mim, não. Na Estação eu não era apreciado, não. Vocês conversam com o Nilson e ele fala: “Ih! Esse homem era perigoso!” [riso] Perigoso porque eu nunca...

**Elodia Lebourg** – Por que eles não gostavam do senhor?

**Antônio Leite** – Porque eu não ficava... O camarada chegava bêbado e eu mandava embora; aquele não trabalhava comigo: “Vai descansar”. No outro dia, ele tirava licença com o médico. O médico tapeava também – o desgraçado estava era tonto e ele dava um laudo dizendo que estava com pressão alta. Cachaça não aumenta a pressão, não é? [riso] Nego ganhava dinheiro à toa aí. Agora, eu nunca aceitei isso. Eu era ruim, não é? Porque eu queria ver o trem indo para frente, e eu só estou vendo que o trem está... Acabaram com a estrada de ferro. Você vê falar em estrada de ferro? “Ah, é Vale, é Vale!” O resto não vale é nada. Está tudo danado.

**Elodia Lebourg** – Nesse sentido, Senhor Antônio, havia algum regulamento que vocês tinham que seguir para trabalhar na ferrovia?

---

<sup>89</sup> Bairro de Ouro Preto, onde se localiza a fábrica de alumínio Novelis do Brasil Ltda. Em Saramenha havia uma estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

<sup>90</sup> Gíria utilizada para indicar uma pessoa qualquer.

**Antônio Leite** – Ah, tinha... Tinha a IST2<sup>91</sup>, a instrução de não sei lá o quê. Já esqueci. Perguntava como se procedia com despacho, uma volta com os engenheiros se tivesse acidente, uma volta com... Se tivesse acidente, mais isso, mais aquilo, mais aquilo outro... Nós tínhamos tudo aí. Agora, dependia de cada um, não é? Eu fazia direito, o outro já atrapalhava, e o outro... la assim.

**Elodia Lebourg** – No caso destes que atrapalhavam, que não estavam cumprindo com a obrigação, tinha alguma penalidade?

**Antônio Leite** – Tinha, uai<sup>92</sup>! Era rua! O sujeito era demitido, tanto era admitido como demitido também. Roubou, não ficava mesmo; eles demitiam. Dependia de você, como chefe, mostrar e provar. Então o camarada pedia exame de sangue no cara, levava e tacava cachaça daí a pouco. [riso] Ele não voltava para o serviço, não voltava mesmo. E assim ia. Eu venci 34 anos, cinco meses e 20 dias, trabalhando aqui os últimos dias. Eu vim para esta Estação no dia 11 de junho de 1952 e saí no dia 31 de dezembro de 1977, quando aposentei, não é? Trinta e nove... Uma coisa assim. Sei lá, eu esqueci. Eu sei que trabalhei até esse tempo. Na estrada eu entrei em 1943 e trabalhei 34 anos, cinco meses e 20 dias. Agora, eu vim para esta Estação dia primeiro de junho de 1952 e saí daqui com... Eu estive quatro anos em Dom Bosco, comissionado como chefe, despachando minério – eles falavam quebra de perfil. Em 1961, voltei para cá. Eu me aposentei em 1978. Já estava aposentado em 1978.

**Elodia Lebourg** – Foi em 1978?

**Antônio Leite** – Foi 1978. Como diz o outro, eu já entrei desligado daqui. Eu estava passeando em São Paulo. Quando voltei, meu amigo – acho que já morreu, me desviou tudo aqui na minha carreira, esculhambou minha carreira toda – chegou aí com... Ah, sei lá! A Leopoldina só falava em dinheiro, e eu era muito burro, podia comer às custas disso aqui. À minha casa não ia mesmo. Então, eu não sou bobo, não devo a ninguém, estudei meus filhos... Mas os ladrões que tiveram aí, tudo coitado... Como diz o outro, que sirva de pena, porque prejudicou a gente. Deus que dê a eles o perdão, não sou eu. Mas de uns eu não tenho saudade, não... Perigoso. Você trabalhar no meio ruim não serve, coisa ruim não serve, não...

---

<sup>91</sup> Índice Setorial de Telecomunicações.

<sup>92</sup> Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

**Elodia Lebourg** – Por qual motivo o senhor se aposentou?

**Antônio Leite** – Tempo de serviço. Nós tínhamos uma lei de insalubridade, quem mexia com telégrafo esteve na pauta, com mais de 25 anos. Depois tiraram isso. Nós tínhamos a paridade... Na Rede<sup>93</sup> tinha tudo: se eu ganhava 20 mil, ia para 30. E assim foi até aposentar. Me aposentei até bem, graças a Deus. Não juntei dinheiro, porque lá em casa toda vida eram 15, 20 pessoas... Pai morreu novo, mãe morreu nova, fiquei com um irmão de três anos para criar. Acabei de olhar os meus irmãos, continuo aqui, estou... Acabei casando as irmãs, essa coisa... E eu ainda fiquei. Agora, um pecado que eu tenho – deve ser – é que tenho medo de morrer, tenho medo de ir para o inferno. Mas não sei se tem isso aí nada. Esse negócio de bater o sino me dá vontade de ir lá e dar um couro no sacristão. Dizem que sou obrigado a ir à missa. Que obrigado o quê? E Deus te deu um globo de todo tamanho, com tudo que tem de bom... Na hora H: “Deus que te pague!” [ironia] Ele está devendo! [riso] Presta atenção para você ver se está certo: “Deus que te pague!” Ele deu o mundo, como é que agora... Você acha que Deus ia deixar você botar isso... “Você vai pecar”. [ironia] Você está vendo aquele festão que estão fazendo aí?<sup>94</sup> [riso] O coitado do Bispo... Estão passeando com ele para São Paulo, volta de São Paulo, vem para o povo daí, para... Ele veio de teco-teco<sup>95</sup> para esse campo de pouso antigo nosso; veio ontem para cá. De lá passaram com ele aqui. Demagogia. “Coitado do padre! Morreu!”<sup>96</sup> [ironia] Dom... Como é que pode isso? [riso] Eu não vou nessa conversa. Estou cansado de ver sair daqui para olhar Nossa Senhora em Aparecida<sup>97</sup> uma turma de camarada capiaiu desgraçado, só ouvindo falar: “É sertanejo, sertanejo!” Que o quê? Só vagabundo que está pondo lá! Ah, hoje canta tudo quanto há, cego para cantar, não é? O mundo está... Muita mordomia.

**Elodia Lebourg** – O senhor comentou que, depois de se aposentar, nunca mais voltou à Estação...

---

<sup>93</sup> Rede Ferroviária Federal S/A.

<sup>94</sup> O entrevistado refere-se ao cerimonial das exéquias do Arcebispo da Arquidiocese de Mariana, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, que havia falecido.

<sup>95</sup> Refere-se ao avião em que o corpo do Arcebispo Dom Luciano foi transportado até Ouro Preto.

<sup>96</sup> O entrevistado bate palmas.

<sup>97</sup> Aparecida do Norte, município de São Paulo, onde se encontra o maior santuário de devoção a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

**Antônio Leite** – Eu vim aqui no dia em que vocês me chamaram, quando a máquina veio. Não voltei... Tinha até tratado para ir... Mas naquele dia, minha pressão baixou, foi a nove por quatro. Esse rapaz que está aí comigo e o outro que veio<sup>98</sup> me tiraram, porque eu não entro bem dentro do carro. Você viu lá, não é?<sup>99</sup> Perna não funciona direito nem nada, tudo danado. Tem hora que é até bom sair, mas não tenho coragem de sair de casa também...

**Elodia Lebourg** – Qual foi a sensação de voltar à Estação depois de tanto tempo?

**Antônio Leite**<sup>100</sup> – Pedir aos outros, eu não gosto de pedir. Eu tenho carro, está lá na porta, estragando. Filho, um estava para o Paraná e arrumou lá... Sei lá, ele é muito mal criado. É meu filho, o Nilson<sup>101</sup>, tem um metro e 80 de altura, você viu ele lá, não é?<sup>102</sup> Formou, trabalhou na... Esqueci lá... Um negócio de prata, produção de prata, de minério... Ele se formou em mineração, mexe com isso lá no Paraná... Naquela divisa de São Paulo com Paraná, em... Esqueci o nome... [Reviver]<sup>103</sup>, você pega o Reviver, vai por ali abaixo, Nossa Senhora... Vocês querem ver... Você é de Belo Horizonte?

**Elodia Lebourg** – Não.

**Antônio Leite** – De onde você é?

**Elodia Lebourg** – Sou de Barbacena.

**Antônio Leite** – Barbacena. Barbacena é lugar bom, só que era de doido<sup>104</sup>, não é? [riso] Mas é o seguinte... Naquele tempo... Lá produzia prata e ouro. Mas trabalhava em um lugar que estava oferecendo minério mais barato do que dentro do Brasil; estava vindo de fora, Uganda, desses lados é que vinha o minério para cá. Então, esse rapaz trabalhava lá, mas fechou a Companhia – ela quebrou – e ele veio para casa. Está dentro de casa, um homem com 46 anos nunca... Não arrumou mais serviço de jeito nenhum. Está lá, não tem jeito. Os outros, não; os outros estão bem, mas esse coitado está lá, 46 anos para 47, sem serviço. É mal criado feito não sei o quê! Deixei para solteirão. Já o mais novo é enrolado feito não sei o quê! Está sempre de namoro por aqui,

---

<sup>98</sup> Refere-se aos dois acompanhantes que o ajudaram a se deslocar de sua residência até o local da entrevista.

<sup>99</sup> Refere-se ao monitor Bernardo Andrade, que também o acompanhou até o local da entrevista.

<sup>100</sup> O entrevistado não respondeu à pergunta.

<sup>101</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>102</sup> O entrevistado novamente se refere ao monitor Bernardo Andrade.

<sup>103</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

namoro por ali, trazendo a responsabilidade para a gente. Ele tem um menino de 14 anos, menino bom para danar, um tal de Kalé<sup>105</sup>, meu neto. Eu gosto do menino mais do que dele, sabe? [riso] O menino é bom demais! Tem tudo na vida, graças a Deus! Tem alegria também... Eu vejo uns aí que bebem feito uns danados... Tem dia lá em casa que cinco engradados de cerveja, manda<sup>106</sup> tudo. Vocês devem conhecer o Wilson<sup>107</sup>...

**Bernardo Andrade** – Não, não conheço.

**Antônio Leite** – O Wilson é engenheiro de minas, o Edson<sup>108</sup> é geologia, o Wiler<sup>109</sup> está na Petrobras, esse daí é mineração... Esse está em casa, à toa. A mãe ensinou coisas muito ruins, cozinhar e plantar flor. Homem que faz isso, para mim, não tem valor! [risos]

**Elodia Lebourg** – Estamos encaminhando para finalizar a entrevista e eu gostaria de perguntar o que o senhor achou de ter participado do Projeto Vale Registrar? Qual foi sua impressão de prestar seu depoimento para a gente?

**Antônio Leite** – Eu vou te falar... Você está falando... Falhou tudo na minha cabeça. Como é que você disse? Ou eu estou ruim para escutar mesmo...

**Elodia Lebourg** – Para finalizar a entrevista, o que o senhor achou de ter dado seu depoimento, de ter feito a entrevista com a gente?

**Antônio Leite** – Hã?

**Elodia Lebourg** – É a última pergunta que eu quero fazer: o que você achou? Você gostou, foi uma boa experiência?

**Antônio Leite** – Eu gostei de ter trocado idéia com vocês. Infelizmente botar trem<sup>110</sup> bobo na cabeça... Não façam o que estou falando, nada disso, nem pensem. Vocês pensem em seus rumos, cada um siga o seu... O que pode. Eu, para o meu gosto, mulher coitada não passava a mão. Mas elas mesmas são culpadas; entregaram demais e estão aí... Não é? Homem que arruma mulher para casar é só para tratar dele. Vagabundo, a turma deles aí! [riso] Mas eu não estou preparado para isso, porque os meus, eu deixei para lá... Eu

---

<sup>104</sup> O entrevistado refere-se ao fato de Barbacena, município de Minas Gerais, ser conhecida como “Cidade dos Loucos”, pelo grande número de clínicas e hospitais de saúde mental que a cidade já abrigou.

<sup>105</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>106</sup> No sentido de beber.

<sup>107</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>108</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>109</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>110</sup> Trem, neste caso, significa informações.

veja... Mulher tudo danada para beber cerveja, sabe? [riso] Mas já não é comigo, é com eles. Eles consentem, está bom.

**Elodia Lebourg** – Senhor Antônio, muito obrigada pela sua participação.

**Antônio Leite** – Mas vocês desculpem as falhas aqui, a liberdade que tomei para falar com vocês...

**Elodia Lebourg** – Que isso...

**Antônio Leite** – Eu tenho um afeto tremendo pelos jovens. Agora, eu não gosto de ver jovem fumando maconha, nem nada, sabe? Isso como pai e avô de 15 netos. É rezar para que Deus os ajude e a vocês também, que entram no meu cardápio, todo mundo. Esse vagabundo aí<sup>111</sup>, o pai dele... [riso] O avô dele é gente boa. Graças a Deus, eu nunca tive inimidade com ninguém. Estive no Exército durante 12 meses, esperando ir para a Itália. Sofri feito danado! Nós éramos seis mil homens, no quartel do 10º RI, ali para cima da Augusto de Lima. Nós vivíamos em Contagem das Abóboras<sup>112</sup>... Não pode falar que eles batem... [riso] Era Contagem, era mato, fazia esse som de fuzil a noite inteira; em Paraopeba<sup>113</sup> saltava rio na corda bamba – isso tudo nós já fizemos para ir para a Itália. E esses coitadinhos aqui do 11º RI, São João del Rei... Chegou uma Companhia lá<sup>114</sup>, com três dias não sobrou um, de 16 anos; foram 36 homens em Montese<sup>115</sup>. Morreu tudo. Isso tudo me bota meio... Imaginar aquela companheirada... Saiu daqui e não voltou mais. Isso tudo faz a gente ficar meio assombrado com o mundo, viu? Você está vendo lá para o Iraque, Irã<sup>116</sup>, aquela ignorância desgraçada... E se Deus não nasce lá? Não é? Não dá, não. Mas é isso. Eu estou satisfeito, precisando de mim, para o que estiver ao meu alcance, estou aí. Agora, vocês vão me desculpar porque eu conversei demais aí... Não tem nada que caçoar da... É tudo brinquedo... Entendeu?

**Elodia Lebourg** – Tranqüilo, Senhor Antônio. Mais uma vez, muito obrigada pela sua participação no Projeto.

---

<sup>111</sup> O entrevistado novamente se refere ao monitor Bernardo Andrade. Ressalta-se que a palavra “vagabundo” não possui, no contexto, um sentido agressivo.

<sup>112</sup> O município de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, foi formado inicialmente por duas localidades: Contagem das Abóboras e São Gonçalo da Contagem das Abóboras. Em 29 de abril de 1854, o local passou a se chamar oficialmente Contagem.

<sup>113</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>114</sup> Na Itália.

<sup>115</sup> Cidade do norte da Itália, onde a Força Expedicionária Brasileira (FEB) conquistou uma das suas mais importantes vitórias na Segunda Guerra Mundial, liberando a cidade em favor das tropas aliadas.

<sup>116</sup> Conflitos verificados nas últimas décadas, no Oriente Médio, motivados por questões econômicas, energéticas, religiosas, étnicas, geopolíticas, envolvendo potências locais e intervenções estrangeiras.

**Antônio Leite** – Está bem, eu que agradeço.

**[Término da entrevista]**